

Apresentou-se dia 31/10/69

M 159, etc. - pg. anterior,
continua.

FLU, 1977
agosto

R N n.º 62

Rubem Braga 31.10.69

História do Mineiro

ÉU falava ontem dos versos do Divino e jongo que se cantam nas praias do Espírito Santo, e disse que tinha uma história de mineiro.

A história do mineiro é um verdadeiro romance, começando assim:

«Eu passei numa cidade/ cidade de zombaria/ palácio de três andar/ casa com três moradia/ «Cheguei na casa de um velho/ sem saber o que dizia/ passava de meia-noite/ cheguei salvando bom-dia/ Aqui chegou um mineiro/ pra casar com sua fia».

O velho tinha duas filhas, mas para desgraça do mineiro «uma dizia que não/ e a outra que não queria». Além disso a velha, mãe das môças, chegou «de cara enfarruscada» dizendo que suas filhas não estão perdidas, nem estão desacreditadas/ pra se casar com um mineiro/ que vêve pelas estrada».

O mineiro assustou-se: «Fui panhando o meu chapéu e descendo pela escada», mas viu lá em cima que «tava o velho na janela assobiando a cachorrada». E ele saiu correndo e gritando «arreda aí, minha gente, deixa o mineiro ir rompendo». Passou a porteira correndo, pulou em cima de seu burro pêlo de rato, e sua fuga não tem fim:

«Travessi mar sem canoa/ passei rio sem navio/ para ver se alcançava/ aonde nunca eu poudo ir/ Minha faca na cintura/ minha garrucha laporte/ pois quem viu o que vi/ está contando com a morte».

Mas a verdade é que nós, da praia, não desprezamos os mineiros como êsses versos parecem indicar. Vejam o comentário final da história: «Não me maltrate o mineiro/ que mineiro é gente boa/ de mineiro eu quero as pernas/para remo de canoa».